

COR E PROCESSO: O USO DO AZUL COMO INFLUÊNCIA NO PROCESSO CRIATIVO

Palavras-Chave: AZUL, PROCESSO CRIATIVO, LIVRO DE ARTISTA

Autores:

LAVÍNIA MACHADO STORNI, IA – UNICAMP

Prof. Dr. ANTÔNIO GABRIEL GONÇALVES EWBANK (orientador), IA - UNICAMP

INTRODUÇÃO

Segundo o dicionário Michaelis Online, a palavra enigma pode ser definida como “1: Dito, fato ou pergunta de difícil interpretação. 2: Descrição metafórica ou ambígua de uma coisa, tornando-a difícil de ser adivinhada”. O mesmo dicionário define o azul como uma cor entre o verde e o violeta e a cor da radiação eletromagnética de comprimento de onda aproximado de 455 a 492 nanômetros, definição que, por si só, não colabora efetivamente com a compreensão do que é a cor azul. São muitas as perspectivas pelas quais se pode investigar não apenas a cor em si, mas também sua presença através da história, sua influência na cultura e no cotidiano em diferentes locais e períodos, além dos diversos significados – tanto individuais quanto culturais – atribuídos à cor, e o que leva o azul a ser considerado a cor preferida da população, segundo um estudo realizado pela YouGov (Corrêa, 2017, p.12). Todos esses fatores são, muitas vezes, não somente múltiplos, como até mesmo conflitantes, sendo impossível então existir uma interpretação única sobre a cor, justamente por sua ambiguidade e pelos diferentes sentidos metafóricos da mesma, de maneira que a pesquisadora se sinta confortável em classificar o azul como um enigma. Sendo os enigmas tão atraentes para os cientistas, questionadores e curiosos quanto os polos opostos de um ímã, surge então no azul um motivo para a pesquisa aqui desenvolvida. Nesse sentido, a pesquisa se constrói não com o objetivo de descobrir uma definição final para a cor, mas com a expectativa de aprofundar cada vez mais o conhecimento em torno da mesma e compartilhá-lo com todos os curiosos, artistas, cientistas e interessados que também tenham sido tocados pelo efeito sedutor que o enigma em forma de cor se materializa e imaterializa no azul.

A partir dessa proposta, a pesquisa teórico-prática *Cor e Processo: O uso do azul como influência no processo criativo* tem buscado se aprofundar nos conceitos em torno da cor azul e sua relação com a produção artística da pesquisadora. Para alcançar a proposta da pesquisa, também foram colocados como objetivos a delimitação de conceitos sobre a cor azul nos campos da Psicologia das Cores, Simbologia, História e investigar a influência do estudo e dos aprendizados adquiridos no processo criativo da pesquisadora na produção de um Livro de Artista.

METODOLOGIA

Considerando o viés teórico-prático da pesquisa, foram utilizadas diferentes metodologias para a elaboração de cada etapa da mesma. Para o desenvolvimento da pesquisa teórica, foi realizada uma extensa pesquisa bibliográfica, durante a qual foi executada a busca e seleção de materiais, leitura, análise crítica e organização em tabela. Também foi feita a categorização dos materiais em Categorias Maiores, as quais foram referência para a elaboração do cronograma de leituras a partir do foco de cada texto, e Categorias Menores, utilizadas após a leitura como meio de registro de outros temas presentes no texto para facilitar a busca e retomada das informações. A realização do corpo do texto da pesquisa teórica também foi estruturada a partir de subdivisões a fim de cumprir os objetivos da pesquisa, inserir as descobertas inusitadas e analisar as produções artísticas realizadas de maneira clara, permitindo melhor compreensão, articulação e desenvolvimento dos tópicos. Destaca-se também que foi realizada uma pesquisa bibliográfica à parte da categorização citada anteriormente, para uso como material de apoio técnico na produção das cianotipias em vidro e incluem artigos e materiais científicos, mas também blogs, registros de artistas, guias e apostilas sobre cianotipia em vidro e em outros suportes.

Em relação à pesquisa prática, foram utilizados diversos instrumentos para o desenvolvimento da produção artística proposta, divididos em dois eixos principais. O primeiro deles é composto pela realização de estudos de interação da cor, texturas, anatomia, equilíbrio e peso, contraste, transparência, além dos estudos com

diferentes suportes, dentre os quais cita-se aquarela, acrílica, pastel oleoso, pastel seco, grafite, lápis de cor, caneta, origami, cerâmica, fotografia, cianotipia em papel e tecido. Essa etapa teve foco não somente uma exploração técnica, mas também poética e temática da pesquisa, permitindo a visualização do conceito do Filtro Azul – a ser discutido adiante – sob diversas perspectivas, as quais auxiliaram o processo de criação do Livro de Artista.

O segundo eixo metodológico da produção artística foi a etapa de desenvolvimento técnico e estrutural do Livro de Artista, no qual foi feita a anotação de ideias, rascunhos de possibilidades, esboços, pesquisa de materiais e técnicas – onde foram realizados estudos de resistência, interação de materiais, equipamentos e substâncias necessários, entre outras investigações –, projetos e experimentos práticos para a produção de cianotipia em vidro e da articulação do livro. É importante ressaltar que, além da complexidade da técnica própria da cianotipia em vidro, houve também uma adversidade em relação ao desenvolvimento desta, visto que as referências utilizadas geralmente traziam métodos e receitas com insumos não disponíveis no Brasil (por serem fontes estrangeiras), de maneira que a pesquisadora precisou realizar diversos experimentos a fim de elaborar uma receita e metodologia próprias. Até o momento, foram realizados 16 experimentos, todos registrados por meio de anotações baseadas no método científico em um arquivo de texto contendo quantidades, equipamentos e materiais, resultados, hipóteses, dificuldades, novas pesquisas, necessidades e até mesmo anotações pessoais da pesquisadora em relação aos experimentos, criando-se então um diário técnico. Outra questão técnica que tem sido explorada é referente às possíveis soluções para a encadernação – por assim dizer – do Livro de Artista por meio de dobradiças de acrílico, que têm sido estudadas e desenvolvidas a partir de estudos de impressão 3D e corte a laser realizadas principalmente no Espaço Maker do Plasma UNICAMP com apoio da equipe técnica.

RESULTADOS DA PESQUISA TEÓRICA

Em sua obra *Interação da Cor*, Josef Albers (2021, p. 3) afirma que a cor é o meio mais relativo dentre os empregados pela arte e que “uma mesma cor evoca inúmeras leituras”. Embora sua declaração esteja inserida, acima de tudo, em um contexto de estudo sobre Teoria da Cor, pode-se expandi-la para outras áreas de estudo justamente pela multiplicidade de interpretações e possibilidades nas quais a cor opera nessas diferentes perspectivas. É justamente sob esse prisma de interligação entre as áreas que a pesquisa teórica desenvolvida apresenta uma nova camada de estudo sobre o azul, a partir de uma visão holística dos diversos campos de investigação da cor pela descoberta e aprofundamento dos conceitos por meio da busca científica.

No campo da Psicologia das Cores, a relatividade da cor – concebida a partir da interação das cores – se faz presente pela maneira que as diferentes percepções relativas a cada cor, com seus impactos e significados próprios, se entrelaçam conforme as cores são apresentadas de forma adjacente em diferentes proporções, criando impressões e reações psicológicas, as quais alteram, intensificam ou expandem os efeitos da cor principal. Esse processo é determinado por Heller (2013, p. 22) como *Acorde Cromático*, o qual a autora indica que não é uma combinação aleatória de cores, mas um efeito conjunto imutável, no qual tão importante quanto a cor mais frequentemente citada, são as cores que a cada vez se combinam com esta. É através desses acordes que os efeitos psicológicos mais comumente relacionados ao azul, como calma, tranquilidade e frieza, se expandem para conceitos ainda mais complexos, dentre os quais Heller cita a harmonia, amizade, confiança, fidelidade, distância, intelectualidade, grandeza, o infinito e até a fantasia. Logicamente, a combinação de cores não poderia criar tais significados por si só, essa ocorrência se deve justamente pelos significados dos quais as cores se constituem, de maneira que “a impressão causada por cada cor é determinada por seu contexto, ou seja, pelo entrelaçamento de significados em que a percebemos” (Heller, 2013, p. 23). Sendo assim, os conceitos apresentados pela pesquisa de Heller, ainda que factíveis e observáveis de forma ampla, não são verdades universais a todos os seres humanos – e nem se propõem a ser – havendo variações de percepção e impressão de acordo com as diferentes culturas, ambientes, religiões, vivências comuns e individuais, tradições históricas e até linguagens.

Conforme apontado anteriormente, o significado atribuído às cores não é universal, variando de acordo com diversos fatores, dentre os quais a cultura é um dos mais influentes. Mesmo com tamanha variedade, é impressionante constatar que o azul seja a cor preferida da população, segundo um estudo realizado pela YouGov (Corrêa, 2017, p.12), e que a maioria dos significados atribuídos à cor sejam positivos, conforme sugerido anteriormente pela pesquisa de Heller (2013). Essa preferência, entretanto, nem sempre foi efetiva e, assim como os significados atribuídos à cor, se relaciona com a múltipla simbologia do azul, abarcando os diferentes significados atribuídos à cor através da história e como estes convergem – e diferem – em diferentes culturas.

O primeiro sentido atribuído ao azul que se pode destacar – justamente por ser a raiz de outros significados – é a relação da cor ao divino, sobre a qual Corrêa (2017, p.14) indica: “Os deuses vivem no céu. O azul é a cor que os rodeia, por isso, em muitas religiões o azul é a cor dos deuses”. Essa relação pode ser observada em diversas instâncias, desde a representação de deuses com pele azul, como o deus egípcio Amon e os deuses hindus Vishnu, Agni e Kali, até a utilização de vitrais e azulejos azuis em mesquitas na Turquia e

Afganistão por exemplo, considerando que “[nada mais justo] já que a representação de imagens não era aceita no islamismo, que o interior da mesquita remetesse ao divino através da cor [azul]” (Corrêa, 2017, p.19).

Apesar de seu status elevado em diversas culturas, a preferência pelo azul não foi unânime através da história, tampouco o vínculo da cor com o divino. Durante o Império Romano, por exemplo, o azul possuía uma conotação negativa por ser considerado uma “cor dos bárbaros”. Em seu livro sobre a história do azul, Michel Pastoureau (2001, p.27) afirma inclusive que, simbolicamente, “o azul era frequentemente associado à morte e ao submundo”. A grande influência do Império Romano, e da impressão negativa que este possuía sobre a cor, se fez presente em parte da Europa até aproximadamente o século IX, onde a cor começou a se tornar proeminente em miniaturas pintadas no Império Carolíngio como uma cor de fundo relacionada ao celeste, além de seu uso em mosaicos e vitrais, o que gradualmente levou à mudança de paradigma em torno do azul para sua associação com a luz, iluminação e, finalmente, com o divino – vínculo o qual já era observável em diversas culturas, conforme apontado anteriormente –, sendo adotado como cor do manto da Virgem Maria e dos aristocratas na Europa, se tornando, entre os séculos XI e XII a cor considerada mais bonita por diversos autores da época. A transição das diferentes percepções sobre a cor, principalmente quando se considera a proporção da influência que o Império Romano exerceu sobre a história europeia, e a comparação entre os significados atribuídos à mesma em outras culturas demonstra de maneira clara a potência simbólica que o azul exerce através da história da humanidade em diferentes locais, culturas e momentos históricos.

Outro fator de destaque em relação ao azul é sua característica como a cor mais imaterial de todas, sendo apresentada inclusive como a cor da transparência, da profundidade e do distanciamento do homem, segundo Corrêa (2017, p.30). A autora destaca também as características atribuídas no estudo das cores de Goethe a Pastoureau ao azul enquanto referência de introspecção, mistérios, sonhos e utopias, conceitos amplamente ligados à imaterialidade própria do azul. Essa imaterialidade, especialmente quando relacionada à questão das distâncias e aos próprios conceitos de aura e etéreo, pode ser explicada, novamente, pela maneira como a cor é observada na natureza.

Os resultados apresentados demonstram que, apesar das diferenças culturais ao redor do globo, alguns princípios em torno das múltiplas percepções do Azul permanecem dentro de uma certa convergência, logicamente com suas particularidades a cada instância. Essa convergência, longe de ser uma norma, demonstra que mesmo em meio à vasta diversidade cultural existente no mundo – antigo e atual – o azul exerce um efeito particular sobre as pessoas, atravessando barreiras geográficas e linguísticas que fortalecem sua importância pelo curso da história, desde seu uso nos azulejos azuis esmaltados do Portal de Ishtar na Babilônia em 575 D.C., até os efeitos de movimento criados por Van Gogh com sua aplicação dos tons de azuis e amarelos a fim de transpor em uma tela a visão do céu estrelado. Em inúmeras instâncias, o azul é utilizado na arte e na história como uma maneira particular de apresentar e interpretar o mundo.

RESULTADOS DA PESQUISA PRÁTICA

Durante o processo de investigação teórica e prática, especificamente nos estudos práticos citados no campo sobre a Metodologia, a pesquisadora percebeu um fenômeno o qual chamou de conceito do *Filtro Azul*, que pode ser resumido em uma tendência quanto à interpretação de situações e memórias e sua tradução artística, que se mostrou presente nas produções visuais e também nas composições textuais de maneiras distintas e próprias a cada linguagem. O Filtro Azul se caracteriza por um processo no qual ocorre uma distorção da percepção de determinados cenários – tanto durante a vivência dos mesmos, quanto durante o resgate destes, enquanto memória – do seu estado concreto para um foco nos tons de azul ou de uma interpretação subjetiva que valorize a cor nas duas linguagens de produção artísticas utilizadas. Pode-se dizer que o processo se assemelha ao que Albers (2021) caracteriza como efeito das cores-película, as quais, segundo o autor, “aparecem como uma camada fina, transparente e translúcida entre o olho e o objeto, independentemente da cor que este tenha em sua superfície”. Dessa maneira, pode-se dizer que o Filtro Azul é um mecanismo perceptivo-poético por onde ocorre a transfiguração da realidade na experiência e no artístico, sendo o fio guia para as produções da pesquisa prática e também o maior exemplo da influência da pesquisa sobre o azul no processo criativo da pesquisadora.

A partir da pesquisa teórica e prática surgiu a ideia de realizar um Livro de Artista com cianotipias em vidro, não como uma tentativa direta de tradução dos aprendizados obtidos durante a pesquisa teórica, mas como um objeto artístico criado a partir da nova visão de mundo que se apropriou da pesquisadora, o Filtro Azul. É justamente com base nessa nova visão de mundo, onde as experiências, memórias e possibilidades se entrelaçam quando observadas sob uma perspectiva artística, que surge a faísca para a criação de um livro de vidro, visto que este é um material que abarca tanto a dualidade da materialidade e imaterialidade do azul – com suas características etéreas, efeitos de profundidade e associações metafísicas à cor – quanto o entrelaçamento do tempo e espaço por essa nova percepção através das camadas sobrepostas intervisíveis pela transparência, permitindo o diálogo e interferências dos conteúdos de cada página. Também foi considerado o contraste entre a

solidez do material e sua transparência e fragilidade, que adicionam mais uma camada simbólica ao projeto ao se relacionar com a própria noção explorada de tempo, memória e caminhos. Quanto à escolha da cianotipia em vidro, além da cor azul característica da cianotipia, o processo químico de transformação através da luz e do tempo para realizar a revelação da imagem se conecta com o conceito do Filtro Azul, onde a impressão das experiências e memórias é revivida, reinterpretada e transformada pelo Filtro Azul em um processo cognitivo e emocional, havendo então um paralelismo entre o processo químico da cianotipia. Conforme descrito no campo Metodologia, o processo de experimentação para o desenvolvimento das cianotipias em vidro tem sido desafiador, mas a pesquisadora considera ter obtido uma grande evolução e estar próxima do resultado desejado – conforme indicado nas Figuras 1 e 2 –, o qual irá permitir a concretização do Livro de Artista por completo.

Figura 1 - Experimento 04



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Figura 2 - Experimento 14



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

O processo de elaboração do Livro de Artista foi acompanhado – e composto – pelo desenvolvimento de outros tipos de produção textual e visual. Apesar de não encarar os textos desenvolvidos necessariamente como uma produção artística ou literária em si, a pesquisadora considera que as produções textuais realizadas desde o início da pesquisa foram de profunda importância para a reflexão dos demais trabalhos, inclusive com a possibilidade de incluir alguns desses textos no Livro de Artista pelo seu caráter revelador de caminhos do subconsciente e da experiência da pesquisadora – muito marcados pelo Filtro Azul –, os quais até então se mantinham ocultos e que, revelados, podem existir por si mesmos ou como parte integrante da obra artística. Das demais produções visuais, estas foram focadas em desenhos e cianotipias em papel – exemplificadas pelas Figuras 3 e 4 –, as quais também retratam a maneira como o Filtro Azul e tornou central na produção artística, e se somam ao fato de que a exploração de outras materialidades permitiu um maior aprofundamento técnico e poético para a elaboração do Livro de Artista.

Figura 3 - Voo - Cianotipia sobre papel, 2024



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Figura 4- 5:27 - Pastel seco sobre papel, 2025



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

CONCLUSÕES

Pode-se dizer que a Pesquisa de Iniciação Científica tem permitido à pesquisadora uma experiência de imersão no mundo do azul, que levou não somente ao interesse de continuidade da investigação sobre o tema – tanto sob o viés científico quanto artístico e poético –, mas também à criação de um mecanismo por onde ocorre a transfiguração da realidade na experiência e no artístico, o qual levou a uma linha inédita de produção artística da pesquisadora. As novas descobertas da pesquisa prática reforçam a importância de estudos sobre o azul e sobre o processo criativo dentro de áreas específicas, mas também a relevância de uma visão holística, visto que estas áreas se entrelaçam e até mesmo sustentam. O processo de pesquisa prática também se mostrou de imensa importância pela possibilidade de criação inovadora, exploração de técnicas e possibilidades, aprendizados e experiências dentro do processo criativo. Por fim, conclui-se que a investigação sobre o azul e o processo criativo dentro do recorte estabelecido na Pesquisa de Iniciação Científica, bem como a produção artística da mesma, é muito mais ampla e repleta de possibilidades e descobertas do que seria cabível em uma Iniciação Científica, de maneira que os resultados obtidos na mesma poderão ser um alicerce para a continuidade e expansão da pesquisa – tanto científica quanto prática – mesmo após o final do período previsto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERS, Josef. **A interação da cor**. Tradução: Jeferson L. Camargo. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2021. 173 p.

CALAZANS, Diego José de. **Tempo ou não-tempo? Um estudo acerca da experiência de tempo e o não-tempo da experiência**. 2007. 89 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10314/10314_1.PDF>. Acesso em: 12 abr. 2025.

CORRÊA, Valdriana. **Azul na história da arte**. Orientadora: Dra. Daniela Pinheiro Machado Kern. 2017. 138. TCC (Graduação) – Curso de História da Arte, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

HELLER, E. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. Tradução Maria Lúcia Lopes da Silva. 1º. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

LETTIERI, Nicolle Coletto. **A psicologia das cores projeto fotográfico experimental**. 2018. Monografia (Graduação em Publicidade e Propaganda) - Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2018.

LIMA, Diane; FREITAS, Thierry. **Adriana Varejão: Suturas, fissuras, ruínas** / curadoria de Jochen Volz. São Paulo, Pinacoteca do Estado, 2022

McALLISTER, Joseph J. **The photographic method of cyanotype printing on glass**. Wet Plate Emporium, 2012. Disponível em: <<https://www.dropbox.com/scl/fi/ldpwiq3fxmxzu4xezr3cl/glassecyanotype.pdf?rlkey=h3t9b2e6uh9nohyt3wzyd356x&e=1>>. Acesso em: 02 abr. 2025.

MICHAELIS. **Azul - Michaelis Online**. Michaelis, [s.d.]. Disponível em:

<<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=azul>>. Acesso em: 14 nov. 2024.

MICHAELIS. **Enigma - Michaelis Online**. Michaelis, [s.d.]. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=Enigma>>. Acesso em: 14 nov. 2024.

PASTOUREAU, Michel. **Blue: the history of a color**. Tradução para o Inglês de Markus I. Cruse. Princeton: Princeton University Press, 2001, 216 p.

PANEK, B. **O livro como lugar: campo expandido do livro de artista**. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, Belo Horizonte, p. 137–148, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/48552>>. Acesso em: 02 de Maio. 2024.

SALLES, Cecília Almeida. **Tramas do pensamento: diálogos de linguagem** In: **Redes da criação : construção da obra de arte**. Vinhedo SP: Editora Horizonte, 2006.

WALTHER, I. F.; METZGER, R. **Van Gogh - The Complete Paintings**. Hohenzollernring, Taschen, 2021

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Anotações sobre as cores - Bemerkungen über die Farben** / Ludwig Wittgenstein ; apresentação, estabelecimento do texto, tradução e notas: João Carlos Salles Pires da Silva. - Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2009.